

de sua fonte predileta, transformada numa taça de lágrimas.

— Não nos admira — suspiram elas — que tanto tenhas chorado !... Era tão lindo !...

— Era belo Narciso ? — perguntou o lago.

— Quem melhor do que tu poderia sabe-lo, se nos desprezava a todas para estender-se nas relvas da tua margem, baixando os olhos para contemplar, no diamante da tua onda, a sua formosura ?...

A fonte respondeu:

— Eu adorava Narciso, porque quando me procurava com os olhos, eu via, no espelho das suas pupilas, o reflexo da minha propria beleza.

Em sua generalidade, meus filhos, os homens, quando não são Narciso, enamorados de sua propria formosura, são a fonte de Narciso.

Não venho exortar a vocês como sacerdote; conheço de sobra as fraquezas humanas. Vivam, porém, a vida do trabalho e da saúde, longe da vaidade corrutora. E, na religião da consciencia retilínea, não se esqueçam de rezar. Eu, que era um homem tão perverso e tão triste, estou aprendendo de novo a minha prece, como fazia na infancia, ao pé de minha mãe, na Parnaíba.

Venham, meus filhos !... Ajoelhemos de mãos postas... Não vêem que cheguei de tão longe ?! Fui mais feliz que o Rico e o Lazaro

da parabola, que não puderam voltar... Ajoelhemos no templo do Espirito; inclinem vocês a fronte sobre o meu coração. Cabem todos nos meus braços ? Cabem, sim...

Vamos rezar com o pensamento em Deus, com a alma no infinito. Padre Nosso... que estais no céu... santificado seja o vosso nome...

8 de abril de 1935.

NA MANSÃO DOS MORTOS

— O amigo sabe que os fotografos ingleses registraram a presença de Sir Conan Doyle, no enterro de Lady Gaillard ?

Esta pergunta me foi dirigida pelo coronel C. da C. (1), que eu conhecera numa das minhas viagens pelo Nordeste. O coronel lia, por desfastio, as minhas crônicas e em poucos minutos nos tornámos camaradas. Ha muito tempo, todavia, soubera eu da sua passagem para o outro mundo, em virtude de uma arterio esclerose generalizada. Tempo vai, tempo

(1) No original da mensagem foram dados por extenso os nomes das pessoas nela mencionadas. Como, porém, essas pessoas deixam descendentes, que poderiam molestar-se com as referencias que lhes fez Humberto de Campos, resolvemos indica-las apenas pelas suas iniciais.

vem, defrontámo-nos de novo no vagão infinito da Vida, em que todos viajamos, através da eternidade. E, como o melhor abraço é o que podemos dar longe dos vivos, ali estávamos os dois, "tête à tête", sem pensar no relógio que regulava os nossos atos no presidio da Terra, nem nos ponteiros do estomago, que aí trabalham com demasiada pressa.

C. tinha no mundo idéias espiritas e continuava, na outra vida, a interessar-se pelas coisas de sua doutrina.

— Então, coronel, a vida que levaremos por aqui não será muito diversa da que observávamos lá em baixo? Um morto, por exemplo, pode apresentar-se nas solenidades dos vivos, participar das suas alegrias e das suas tristezas, como no presente caso? Aliás, já sabemos do capítulo evangelico que manda os mortos enterrar os seus mortos.

— Pode, sim, menino—replicou o meu amigo, como quem evocasse uma cena dolorosa — mas, isso de acompanhar enterros, sobra-me experiencia para não mais fazê-lo. Costumamos observar que, se os vivos têm medo dos que já regressaram para cá, nós igualmente, às vezes, sentimos repulsa de topar os vivos. Porém, o que lhe vou contar ocorreu entre os considerados mortos. Tive medo de dois espetros, num ambiente soturno de cemiterio.

E o meu amigo, com o olhar mergulhado no preterito longinquo, monologava:

— Desde essa noite, nunca mais acompanhei enterros de amigos... Deixo isso para os encarnados, que vivem brincando de cabra-cêga, no seu temporario esquecimento...

— Conte-me, coronel, o acontecido, disse eu, mal sopitando a curiosidade.

— Lembra-se — começou ele — da admiração que eu sempre manifestava pelo Dr. A. F., que você não chegou a conhecer em pessoa?

— Vagamente...

— Pois bem, o Antonico, nome pelo qual respondia na intimidade, era um dos meus amigos do peito. Advogado de renome na minha terra, já o conheci na elevada posição que usufruía, no seio da sociedade que lhe acatava todas as ações e pareceres.

Pardavasco insinuante, era o tipo do mulato brasileiro. Simpatico, inteligente, captava a confiança de quantos se lhe aproximavam. Era de uma felicidade sem igual. Ganhava todas as causas que lhe eram entregues. O crime mais negro apresentava para a sua palavra percuciente uma argumentação infalivel na defesa. Os réus, absolvidos com a sua colaboração, retiravam-se da sala de sessões da justiça quasi canonizados. O Antonico se metera em alguma pendencia? O triunfo era dele. Isso era certo. Gozava de toda a nossa considera-

ção e estima. Criara a sua família com irrepreensível moralidade. Em algumas cerimônias religiosas a que compareci, recordo-me de lá o haver encontrado, como bom católico, em cuja personalidade o nosso vigário via um dos mais prestigiosos dos seus paroquianos.

Chefiava iniciativas de caridade, presidia a associações religiosas e primava pela austeridade intransigente dos seus costumes.

Quando voltei desse mundo, que hoje apresenta para nós uma penitenciária, trouxe dele saudosas recordações.

Imagine, pois, o meu desejo de reencontrá-lo, quando vim a saber, nestas paragens, que ele se achava às portas da morte. Obtive permissão para excursionar á Terra e fui revê-lo na sua cama de luxo, rodeado de zelos extremos, numa alcôva ensombrada de sua confortável residência. As poções eram ingeridas. Injeções eram aplicadas. Os médicos eram atenciosamente ouvidos. Contudo, a morte rondava o leito de rendas, com o seu passo silencioso. Depois de ter o abdomen rasgado por um bisturi, uma infecção sobreviera inesperadamente.

Apareceu uma pleurisia e todas as punções foram inúteis. Antonico agonizava. Vi-o nos seus derradeiros momentos, sem que ele me visse na sua semi-inconsciência. Os médicos, á sua cabeceira, deploravam o desaparecimento

do homem probo. O padre, que sustinha naquelas mãos de cêra um delicado crucifixo, recitando a oração dos moribundos, fazia ao céu piedosas recomendações. A esposa chorava o esposo, os filhos o pai. Aos meus olhos, aquele quadro era o da morte do justo. Transcorridas algumas horas, acompanhei o funebre cortejo que ia entregar á terra aqueles despojos frios.

Desnecessário é que lhe diga das pomposas exequias que a igreja dispensou ao morto, em virtude da sua posição eminente. Preces. Aspersões com hissopes ensopados nagua benta e latim agradável.

Mas, como nem todos os que morrem se desapegam imediatamente dos humores e das visceras, esperei que o meu amigo acordasse para ser o primeiro a abraçá-lo.

Era crepusculo. E, naquela tarde de Agosto, as nuvens estavam enrubecidas, em meio do fumo das queimadas, parecendo uma espuma de sangue. Havia um cheiro de terra brava, entre as lousas silenciosas, ao pé dos salgueiros e dos ciprestes. Eu esperava. De vez em quando, o vento agitava a ramaria dos chorões, que pareciam soluçar, numa toada exquisita. Os coveiros abandonaram a sua tarefa sinistra e eu vi um vulto de mulher, esgueirando-se entre as lápides enegrecidas. Parou junto daquela cova fresca. Não se tratava de nenhuma

alma encarnada. Aquela mulher pertencia também ao reino das sombras. Observei-a de longe. Todavia, gritos estentóricos ecoaram aos meus ouvidos.

— A. F., exclamou o espectro, chegou o momento da minha vingança!... Ninguém poderá advogar a tua causa. Nem Deus, nem o Demonio poderão interceder pela tua sorte, como não puderam cicatrizar no mundo as feridas que abriste em meu coração. Todas as nossas testemunhas agora são mudas. Os anjos aqui são de pedra e as capelas de marmore, cheias de cruzes caladas, são estojos de carne apodrecida. Lembras-te de mim? Sou a R. S., que infelicistaste com a tua infamia!

Já não és aquele moreno insinuante que surriprou a fortuna de meus pais, destruindo-lhes a vida e atirando-me no meretrício abominável. A fortuna que te deu um nome foi edificada no pedestal do crime.

Recordas-te das promessas mentirosas que me fizeste? Envergonhada, abandonei a terra que me vira nascer, para ganhar o pão no mais horrendo comércio. Corri mundo, sem esquecer a tua perversidade e sem conseguir afogar o meu infortunio na taça dos prazeres.

Entretanto, o mundo foi teu. Réu de um crime nefando, foste sacerdote da justiça; eu, a vítima desconhecida, fui obrigada a sufocar a minha fraqueza nas sentinas sociais, onde os

homens pagam o tributo das suas misérias. Tiveste a sociedade, eu os bordeis. O triunfo e a consideração te pertenceram; a mim coube o desprezo e a condenação. Meu lar foi o hospital, donde se escapou o último gemido do meu peito.

Meus braços, que haviam nascido para acariciar os anjos de Deus, como dois galhos de árvore cheios de passarinhos, foram por ti transformados em tentáculos de perdição. Eu poderia ter possuído um lar, onde as crianças abençoassem os meus carinhos e onde um companheiro laborioso se reconfortasse com o beijo da minha afeição. Venho te condenar, oh! desalmado assassino, em nome da justiça eterna que nos rege, acima dos homens. Há mais de um lustro, espero-te nesta solidão indevassável, onde não poderás comprar a consciência dos juizes... Viveste com o teu conforto, enquanto eu penava com a minha miséria; mas, o inferno agora será de nós dois!...

O coronel fez uma pausa, enquanto eu meditava naquela história.

—A mulher chorava, continuou ele, de meter dó. Aproximei-me dela, não sendo, porém, notada a minha presença. Olhei a cruz modesta e carcomida que havia sido arrancada, poucas horas antes, daqueles sete palmos de terra, para que ali fosse aberto um novo sepulcro, e, não sei se por artes do acaso, nela

estava escrito nm nome com pregos amarelos, já desfigurados pela ferrugem: R. S. — ORAE POR ELA.

Por uma coincidência sinistra, reencontravam-se os dois corpos e as duas almas. Procurei fazer tudo pelo Antonico, mas, quando atravessei com o meu olhar a terra que lhe cobria os despojos, afigurou-se-me ver um monte de ossos que se moviam. Craneo, tibias, humerus, clavículas se reuniam sob uma ação misteriosa e vi uma caveira chocalhando os dentes de furia, ao mesmo tempo que umas falangetas de aço pareciam apertar o pescoço do cadaver do meu amigo.

—E ele, coronel, isto é, o Espirito, estava presente?

— Estava, sim. Presente e desperto. Lá o deixei, sentindo os horrores daquela sufocação...

—Mas, e Deus, coronel? Onde estava Deus que não se compadeceu do pecador arrependido?

O coronel me olhou, como se estivesse interrogando a si mesmo, e declarou por fim: —

— Homem, sei lá!... Acredito que Deus tenha criado o mundo; porém, acho que a Terra ficou mesmo sob a administração do Diabo.

9 de Abril de 1935.

JUDAS ISCARIOTES

Silencio augusto cáe sobre a Cidade Santa. A antiga capital da Judéia parece dormir o seu sono de muitos seculos. Além, descansa Gethsemani, onde o Divino Mestre chorou numa longa noite de agonia, acolá está o Golgotha sagrado e em cada coisa silenciosa ha um traço da Paixão que as épocas guardarão para sempre. E, em meio de todo o cenario, como um veio cristalino de lágrimas, passa o Jordão silencioso, como se as suas aguas mudas, buscando o Mar Morto, quizessem esconder das coisas tumultuosos dos homens os segredos insondaveis do Nazareno.

Foi assim, numa destas noites, que vi Jerusalém, vivendo a sua eternidade de maldições.

Os Espiritos podem vibrar em contato direto com a historia. Buscando uma relação intima com a cidade dos profetas, procurava observar o passado vivo dos Lugares Santos. Parece que as mãos iconoclastas de Tito por ali passaram como executoras de um decreto irrevogavel. Por toda parte ainda persiste um sôpro de destruição e desgraça. Legiões de duendes, embuçados nas suas vestimentas antigas, percorrem as ruinas sagradas e, no meio das fatalidades que pesam sobre o emporio morto dos Judeus, não ouvem os homens os gemidos da humanidade invisivel.